

CONTRIBUIÇÕES DO CONCEITO DE INDIVIDUALIZAÇÃO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO ESPORTE E LAZER

Tony Honorato
Faculdade Guairacá/UFPR

INTRODUÇÃO

Conceito de individualização presente na teoria dos processos civilizadores proposta pelo historiador e sociólogo Norbert Elias, pode contribuir para o estudo da História do Esporte e Lazer. O conceito de individualização nos chamou atenção ao objetivarmos compreender como o esporte e o lazer se apresentam como fenômenos significativos para o entendimento das relações sociais e das constituições dos grupos na sociedade moderna, diferenciada e complexa da segunda metade do século XX.

A partir da segunda metade do século XX a população brasileira viveu períodos turbulentos. A transição do modelo político getulista para o governo militar em 1964 implicou numa redefinição do jogo de poder político, logo, também nas funções do Estado que se determinaram em parte, pelo fortalecimento do empresariado apoiado na internalização, na própria modernização e na evolução dos interesses das forças armadas. O sistema educacional brasileiro passou a ser compreendido como 'braço armado' do Estado e como 'aparelho ideológico' vinculado à segurança nacional que objetivava desenvolver eficácia, produtividade e racionalização. Num país onde imperava um nacionalismo desenvolvimentista e tecnicista, as ações por parte do Estado não coincidiam com as ações e reivindicações da população brasileira. No âmbito estudantil e cultural surgiu uma geração de jovens lutando por um ideal de sociedade, como podemos perceber na "Canção do subdesenvolvido" gravada pela UNE e quando em 1968 Geraldo Vandré 'levanta' o Maracanãzinho cantando "Caminhando":

Começaram a nos vender e a nos comprar.
Comprar borracha, vender pneu.
Comprar minério, vender navio.
Pra nossa vela, vender pavio.

Só mandaram o que sobrou de lá:
Matéria plástica, que entusiástica,
Que coisa elástica, que coisa drástica. (“Canção do Subdesenvolvimento”)

Somos todos iguais, braços dados ou não,
Os amores na mente, as flores no chão,
A certeza na frente, a história na mão,
Caminhando e cantando e seguindo a canção.
Aprendendo e ensinando uma nova canção.
Vem, vamos embora, que esperar não é saber.
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. (“Caminhando”)

Os acontecimentos nestas décadas influenciaram no desenvolvimento dos comportamentos do povo brasileiro, tanto nos aspectos político, econômico, educacional, como em especial, nas práticas culturais de lazer e esportivas. No esporte e lazer pode-se visualizar um modo de vida em processo de individualização capaz de demonstrar mudanças construídas no contexto da sociedade brasileira. As mudanças também se apresentam como práticas culturais portadoras de caráter desrotinizador, expressando comportamentos e tensões agradáveis que podem se dar pelo “descontrole-controlado” das emoções e das ações motores, que surgem como formas alternativas frente às rotinas habituais e altamente controladoras. Estamos falando da prática cultural Skate!

O *skate* é um fruto da cultura ocidental. É uma forma de expressão, esporte, estilo de vida, lazer e profissão. Em nosso meio podemos ser quem quisermos, ainda que tenhamos que enfrentar as “difíceis coisas fáceis” que qualquer ser humano enfrenta na sociedade atual. Luta por um espaço, carência de meios, desigualdade social. Cada skatista é uma pessoa completamente diferente da outra, ainda que as manobras tenham que sair no *style* do ídolo ou do amigo. Enquanto muitos estão preocupados em se dar bem, outros apenas querem fazer o que gostamⁱ.

A sociogênese do Skate no Brasil remonta aos anos 60ⁱⁱ e o fragmento acima destaca a prática cultural Skate como uma nova configuração, na qual permite observar um nível de inter-relação social em que os indivíduos estão produzindo comportamentos diferenciados, seja na condição de praticantes, consumidores, espectadores ou como componentes de um agrupamento social (a tribo skatista).

A tribo skatista se agrupa num campo social denominado lazer/esportivo no qual os indivíduos tornam-se individualizados por meio da prática cultural Skate, que excita as

peças a produzirem (in)conscientemente comportamentos para extravasar intensas emoções que são cada vez mais controladas e regulamentadas em nossa sociedade hodierna. Neste sentido, abordamos a individualização como um processo que desenvolve auto-regulações e busca por novas emoções construídas na vida em sociedade e que possibilitam aos indivíduos a vivência do paradoxo de ser e dever ser. Para tanto, apontaremos as reflexões de Norbert Elias sobre o conceito de individualização.

A INDIVIDUALIZAÇÃO NO PROCESSO SOCIAL

Na obra, “*A sociedade dos indivíduos*”, Norbert Elias sistematizou o problema da relação entre indivíduo e sociedade, defrontado, inicialmente, com a construção do volume I do “*O processo civilizador*”, ao constatar que a busca por padrões de comportamento tornava-se cada vez mais constante na sociedade européia ocidental entre os séculos XIII-XVIII. Para o autor a preocupação da referida sociedade com os hábitos de escarrar, com os costumes à mesa, com as manifestações de agressividade etc., foi estendida a inúmeras gerações ao longo do tempo numa determinada direção (de vergonha e constrangimento), distinguindo um grupo social, e, posteriormente o indivíduo, de outros segmentos e de outras pessoas. Isto revela que os indivíduos de uma geração, ao nascer ingressam no processo civilizador numa fase posterior, ‘adaptando-se’ a um padrão de comportamento construído em todo processo social de formação da consciência e dos *habitus sociais*ⁱⁱⁱ das gerações precedentes.

Os padrões sociais de auto-regulação são transmitidos de uma geração para outra. A auto-regulação e a busca de novas emoções que o indivíduo experimenta e desenvolve dentro de si em contato com o social, tornam o indivíduo único e são peculiares de cada geração, e, por conseguinte, específico de cada sociedade.

O processo de individualização, como considera Elias, está relacionado com a problemática da interdependência indivíduo e sociedade, mais especificamente, com a crescente especialização dos indivíduos e das sociedades. Isso não significa que o indivíduo está traçando um caminho livre de qualquer restrição, pelo contrário, desde a infância ele é condicionado pelo outro para desenvolver um grau bastante elevado de autocontrole em função das regulações sociais. Estas, por sua vez, vão se sedimentando nas sociedades humanas e configurando grupos, tribos e instituições com comportamentos e *habitus* diferenciados e portadores de um certo poder diluído numa formação social específica.

Se os indivíduos são condicionados socialmente, ao mesmo tempo, pela suas auto-imagens e por aquelas que lhe são atribuídas pelos outros com quem relacionam, e ainda formam grupos sociais, os seres humanos ligam-se uns aos outros numa pluralidade da vida em sociedade. Isto significa dizer que a relação entre sociedade e indivíduo só pode ser compreendida se investigarmos ambas entidades em interdependência, em mutação e processualmente, e não como duas entidades opostas ou sobrepostas^{iv}.

Elias sugere um caminho para pensarmos o indivíduo e a sociedade como realidades dotadas de estrutura própria em termos relacionais e funcionais. Desta forma, as estruturas psicológicas, individuais e sociais são resultantes de um processo de interdependência “operante durante muitos séculos”. Processo este, que não é planejado e nem linear, sendo passível de investigação “psicogenética” e “sóciogenética”.

Nesta perspectiva, elegeremos algumas características do conceito de processo de individualização, que seria, ao mesmo tempo, um conceito do indivíduo e da sociedade na acepção de “sociedade dos indivíduos” apresentada por Norbert Elias:

- Individualização é um processo contínuo e não planejado, construído nos avanços e recuos do processo civilizador individual no qual todos os indivíduos, como fruto de um processo civilizador social em construção a longo tempo, são automaticamente ingressos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau

e sucesso. Pois nenhum ser humano chega civilizado ao mundo, o individual é obrigatoriamente social e vice-versa. Sendo assim, o processo de individualização também é processo de civilização e está em fazer-se, está em elaboração numa crescente interação e dependência das atividades sociais e psíquicas dos indivíduos no interior das configurações^v.

- O conceito de individualização está intimamente ligado com o de autocontrole, que é o processo que vai da exteriorização à interiorização. O indivíduo interioriza os sentimentos, paixões, emoções, controles e representações produzidas nas relações sociais e em suas atividades mentais, e depois ele exterioriza suas representações através de comportamentos, *habitus* e relações poder. Desta maneira, pensamento e ação estão interligados no plano individual em função do social, que dirige o individual (e vice-versa) para um certo limiar de controle exigido e aceito pelos demais indivíduos em sociedade.
- A idéia de individualização torna-se mais visível ao passo que a história humana avança, demonstrando que a humanidade, o indivíduo e a sociedade são processos sem início e fim à vista. Nessa história, torna-se perceptível a transferência cada vez maior de funções relativas à proteção e ao controle do indivíduo, previamente exercidas por pequenos grupos tradicionais e 'consangüíneos' (tribo, feudo, igreja etc.), para os grupos densamente habitados, como podemos perceber na configuração dos Estados-modernos altamente complexos e urbanizados. Nestes últimos o indivíduo vive cada vez mais isolado no sentido de batalhar por sua sobrevivência e se defronta com um número crescente de opções, aumentando a possibilidade de individualização pessoal. Isto significa que uma das características da individualização é que o indivíduo não só *pode* como *deve* ser mais autônomo e autoconfiante na decisão e na liberdade de escolha oferecida pela vida coletiva, social, grupal ou pelo Estado. Contudo, maior será a exigência empregada a seu autocontrole consciente ou inconsciente, e assim, reciprocamente na necessidade de compartilhar configurações, tais como 'tribos urbanas', escolas, universidades e sociedades que os tornam indivíduos diferenciados, passíveis de aprender e transmitir seus aprendizados.
- Tendo em vista a crescente oferta de oportunidade, o processo de individualização carrega marcas de sucessos e insucessos. O poder de escolher por si, entre outras coisas, é exigência que logo se converte em *habitus*, necessidade e ideal que são avaliados, tanto no sentido positivo, quanto negativo, na escala de valores sociais. Assim, felicidade e infelicidade jogam em conjunto no mesmo espaço social. Este movimento, entre a liberdade de escolha e risco de escolha, constitui a estrutura da personalidade e as emoções vividas pelo indivíduo nas sociedades em desenvolvimento, rumo a um nível mais elevado de individualização. Neste sentido, "a abundância de oportunidades e metas individuais diferentes nessas sociedades é equiparável às abundantes possibilidades de fracasso"^{vi}.
- Na individualização existe um indivíduo biológico e individuado socialmente, que busca ser controlador das forças naturais. Desde os primeiros dias da humanidade até o século XXI, não foram somente às estruturas sociais e as condições materiais de existência que mudaram. O biológico parece mais 'sólido' e 'resistente', as forças naturais não-humanas parecem ser cada vez mais 'controladas' e 'previstas', enquanto o social parece mais 'controlador', 'mutável' e 'vulnerável' às mudanças ao longo da história humana. Na história da humanidade, "quanto mais os atos das pessoas são regidos por forças naturais indomadas dentro delas mesmas, menos elas diferem entre si em seu comportamento. "E, quanto mais variada e difundidamente essas forças são contidas, desviadas e transformadas – primeiro pelo amor e medo dos outros,

depois também pelo autocontrole –, mais numerosas e pronunciadas se tornam as diferenças em seu comportamento, seus sentimentos, seus pensamentos, suas metas e, inclusive, suas fisionomias maleáveis: mais ‘individualizados’ tornaram-se os indivíduos^{vii}. Nota-se um deslocamento do embate entre o ‘homem’ e a ‘natureza’ para ‘indivíduo’ e ‘sociedade’, onde a busca por individualização torna-se mais crescente e perceptível. Entretanto, a natureza, a sociedade e o indivíduo compõem uma espécie de triângulo de funções interconectadas que pode nos liberar das rígidas e “míopes” abordagens analíticas que compreendem as questões humanas.

CONCEITO DE INDIVIDUALIZAÇÃO E A HISTÓRIA DO ESPORTE E LAZER

O conceito de individualização como uma possibilidade de análise para história do esporte e lazer não se refere apenas à individualidade fortemente estruturada pelo ‘eu’, como ídolos do esporte, artistas e intelectuais. Pelo contrário, a individualização ajuda compreender nas manifestações de lazer e esportiva uma individualidade que é também o ‘nós’ e o ‘eles’, é o pessoal e o grupal. Embora, o ‘eu’ seja um traço forte em nossa sociedade complexa e urbanizada da segunda metade do século XX, só tem sentido na relação com o outro, e se diferencia e se especializa construindo uma estrutura de personalidade na aquisição e significação de alguns signos sociais como nome, diplomas, profissões, práticas esportivas, modo de vestir, linguagem e outros atributos ‘individuais’. Como ilustra o relato do skatista Marcelo:

Na década de 80 eu morava em São José dos Campos, daí meu tio tinha um skate que ele andava. Eu dava umas voltinhas. Quando eu mudei pra cá (Piracicaba/SP) tinha uma galera que morava perto de casa que andava, então comecei a andar, mas eu não podia comprar um skate, assim, eu ganhava shape e o tail dava para contar três dedos de largura. Lembro que o primeiro shape que eu comprei foi o da Cush, era grandão, era da hora e dava para tirar várias manobras ‘adrenalizantes’. Agora, as manobras tinham graça quando eu conseguia fazer para a turma do skate ver!^{viii}.

Nota-se, o *indivíduo vive a tensão de dever ser como os demais ao se distinguir na vida em sociedade*. Nessa dupla condição humana a produção de signos sociais torna-se relevante. Signos e instrumentos – tais como equipamentos, manobras, linguagens, vestuários e inúmeros objetos – nada mais são, para os indivíduos, do que uma atribuição

de significado no social e corporificação de um padrão específico de emoções e de comportamentos que, ao mesmo tempo, diferenciam e agrupam as pessoas na vida em sociedade.

Observar em um estudo histórico do esporte e do lazer a dupla condição do homem, mediada pelos signos e instrumentos, torna-se possível através da dinâmica da complexa interdependência entre o mundo das relações sociais – no qual o indivíduo é produtor – e a formação da consciência do ser individualizado que desempenha múltiplos papéis em configurações não harmônicas.

Essa dinâmica, que é parte do processo de individualização, colabora com a formação do psiquismo humano, proporcionando o paradoxo: ser e dever ser, paixão e controle, risco e prazer etc. Pois, a significação dos signos e dos instrumentos desenvolve novos costumes, novos comportamentos e novas configurações, intensificando a regulação e o controle das emoções no plano individual no social.

Para o estudo da história do esporte e lazer podemos, então, pensar a individualização como algo além do individual, devemos entendê-la em termos de 'relação' e 'função', sem elevarmos obstáculos intransponíveis à compreensão de fenômenos sociais e individuais. Isto é, o conceito de individualização, elaborado por Norbert Elias, nos coloca a seguinte provocação: podemos pesquisar por meio das manifestações de lazer e esportivas os fenômenos, sociedade e indivíduo, porém, vamos observá-los pela ótica da bipolarização, ou pela ótica dos conceitos em construção que não dão conta da problemática, em razão da complexidade dos fenômenos.

O problema epistemológico relativo à relação indivíduo-sociedade, o próprio Norbert Elias reconhece que não conseguiu resolver, como declara:

O que nos falta, sejamos explícitos, são modelos conceituais e, além deles, uma visão global graças à qual nossas idéias dos seres humanos como indivíduos e como sociedade possam harmonizar-se melhor. Não sabemos, ao que parece, deixar claro nós mesmos como é possível que

cada pessoa isolada seja uma coisa única, diferente de todas as demais; um ser que, de certa maneira, sente, vivência e faz o que não é feito por nenhuma outra pessoa; um ser autônomo e, ao mesmo tempo, um ser que existe para outros e entre outros, com os quais compõe sociedades de estrutura cambiáveis, com histórias não pretendidas ou promovidas por qualquer das pessoas que as constituem, tal como efetivamente se desdobram ao longo dos séculos, e sem as quais o indivíduo não poderia sobreviver quando criança, nem aprender a falar, pensar, amar ou comportar-se como um ser humano^{ix}.

Portanto, o conceito de individualização nos oferece alguns procedimentos teórico-metodológicos que colaboram disponibilizando outras possibilidades de análise da história do esporte e do lazer como manifestações culturais inseridas numa sociedade, na qual as transformações de civilização edificam nas inesperadas relações humanas produtoras de diferentes comportamentos, *habitus* e agrupamentos sociais. Assim proporcionando as representações que os indivíduos tem de si e do meio cultural onde vive.

ⁱ GYRÃO, Cesar Bragança. In: REVISTA TRIBO SKATE. 2004. Ano 13, nº. 107. p. 14.

ⁱⁱ A respeito da história da prática cultural Skate, é interessante conferir os textos: REVISTA TRIBO SKATE. 1999. Ano 09, nº 50.; CHAVES, Cesinha; BRITTO, Eduardo [et all]. **A onda dura: 3 décadas de skate no Brasil.** São Paulo: Parada Inglesa, 2000; HONORATO, Tony. **A tribo skatista e a instituição escolar: o poder escolar em um perspectiva sociológica.** Piracicaba/SP, 2005. 202f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba.

ⁱⁱⁱ Na teoria de Norbert Elias o conceito de *habitus social* pode ser entendido como uma 'segunda natureza', ou ainda, como um automatismo humano que se desenvolve num constante movimento emaranhando social e individual. Assim, os controles sociais são lentamente condicionados e incorporados pelos indivíduos desde a tenra idade, aumentando a auto-regulação automática das paixões – um autocontrole mais complexo, diferenciado e estável. *Habitus* é um componente significativo para os estudos que almejam compreender a constituição e o modelo de circulação cultural de grupos, instituições e nações, pois sua aquisição pelos indivíduos, indica padrões de comportamentos altamente desenvolvidos, aceitos e exigidos socialmente para o convívio no interior das configurações sociais.

^{iv} Aqui Norbert Elias chama atenção para um problema conceitual, sinteticamente localizado em duas vertentes do pensamento sociológico. Tanto em uma, quanto na outra, existe a polaridade indivíduo/sociedade, e ambas tendem a entender estes fenômenos a partir de análises mecanicistas ou através de modelos extraídos das Ciências Naturais. Para maiores detalhes sobre a discussão recomendamos ao leitor a consulta aos livros: ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994.; ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia.** Edições 70. Lisboa: Pax, 1980.

^v Configuração social é um conceito fundamental para teoria de Norbert Elias. Pode ser entendida como espaços sociais, como organização de grupos ou indivíduos interdependentes e mutuamente influenciáveis, expressando um processo, no qual as pessoas inter-relacionadas interferem de maneira a formar uma estrutura entrelaçada de numerosas propriedades emergentes, tais como relações de poder, eixos de tensão, instituições, desportos, guerras etc. Mais detalhes, ver: *"Introdução à Sociologia"* (1980) em particular as páginas 140 a 145.

^{vi} ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos...** 1994, p. 109.

^{vii} *ibid.* p. 117.

^{viii} Este enunciado é do skatista Marcelo, extraído da entrevista sobre a história da modalidade Skate em Piracicaba realizada por nós em 16/04/2003 na pista de skate da Rua do Porto – Piracicaba/SP.

^{ix} ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos...** 1994, p. 68.